

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua D. Marcelino Franco, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario
Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS
Série de 10 números—Tavira e Freguesias Rurais . . . 6500
: 10 : —Para outras localidades . . . 7500
: 10 : —Africa . . . 12500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

A Organização Hospitalar

NA PREOCUPAÇÃO de resolver um problema que desde há muito se vem arrastando, a clamar solução, sem que no entanto a consiga, entendeu o Governo estabelecer através de uma proposta de lei um plano geral de organização hospitalar que constitue o primeiro fundamento da obra que se pretende realizar neste domínio capital da Assistência.

E' que, embora a acção do Estado Novo desde 1926 tenha sido, é certo que em soluções de aspecto parcelar, das mais notáveis e dignas de unânime agradecimento, não é menos certo, também, que até há vinte anos a nossa Assistência em matéria de hospitais revestia-se ainda mais ou menos das mesmas características da Idade Média. Já não era, evidentemente, junto dos conventos sob os cuidados solícitos e zelosos dos frades—alguns como os Cônegos regrantes de Santo Agostinho propositadamente formados em medicina para melhor poderem tratar os doentes—que os hospitais existiam. Mas eram dentro dos próprios conventos tornados casarões inabitáveis pela expulsão dos legítimos moradores que agora funcionavam. E não se falta à verdade dizendo que, desde o Minho ao Algarve, ainda em pleno século XVIII, tãda a organização hospitalar era obra do Clero. Eram os Bispos como D. Diogo de Sousa e D. Caetano Brandão primazes de Braga, D. Jerónimo Osório prelado do Algarve, D. Martim Afonso de Melo, em Lamego e Coimbra, D. João de Melo em Vizeu, D. João de Mendonça na Guarda, D. Bernardo de Melo Osorio em Castelo Branco, D. Tomaz de Almeida, em Lisboa, D. Teotónio de Bragança em Evora, que auxiliados pelas ordens religiosas, desde os Cônegos Regrantes aos Franciscanos, destas aos Caetanos, Loios, Jesuítas e hospitalares de S. João de Deus que cuidavam dos hospitais que proviam o seu sustento, desenvolviam o seu progresso.

Com a expulsão das ordens religiosas ficaram os edificios que elas habitavam mas, porque foram expulsos os frades, tãda a organização hospitalar se resumiu ao aproveitamento não raro deficiente dos conventos, porque até a própria orgânica do sistema sofreu, evidentemente, com a ausencia dos que o serviram. Do que foram os hospitais laicos está tudo demais dito e repetido para que necessário se torne ainda salientá-lo agora.

Por isso no relatório da proposta de lei sobre Organização Hospitalar o Governo muito expressivamente acentua que, além de ter «como finalidade o crescimento da lotação hospitalar, sua melhor distribuição em ordem a assegurar a assistência de harmonia com as necessidades da população das diferentes regiões do País, igualmente se cuida de suprir as deficiências dos serviços existentes, instalados na sua maior parte em antigos conventos de maneira a ficarmos na posse de uma rede hospitalar que satisfaça às exigências da Assistência».

E faz-se assim porque, até 1926, repetimos, tãda a nossa assistência hospitalar tirante uma outra disposição que mais se deve considerar como medida de excepção, outra coisa não foi que a instalada pelas ordens religiosas e pelos prelados, com a agravante de não ser nem olhada nem orientada quer por aquelas quer por estas.

O Estado Novo pode dizer-se que desde a primeira hora procura olhar a sério e tendo em vista a completa e perfeita solução deste magno e sempre instante problema.

Todavia tal solução não era possível conseguiu-la através medidas de ordem parcelar, mas antes somente através um plano de conjunto que abrangesse todo o País. E' esse plano que surge na proposta de lei ora elaborada pelo Governo.

Depois de estabelecer o principio de que o País é dividido em zonas, regiões e sub-regiões, a proposta salienta que:

«Os postos actuam como projecção exterior dos hospitais, enquanto que os centros e officios visam objectivos complementares».

Em cada zona funcionará um hospital central para os doentes dos concelhos de suas sedes e, bem assim, para os dos restantes concelhos que necessitem de utilizar meios terapêuticos de que os outros estabelecimentos hospitalares não disponham ou reclamem intervenções cirurgicas que nestes não possam efectuar-se.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

PELA CIDADE

Semana de Festas no Orfeon—Enquadrado na Comemoração das Festas do Aniversário da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, resolveu a Direcção desta colectividade, realizar no corrente ano, o seguinte programa:

Nos dias 12 e 13 de Fevereiro—Realização dum espectáculo teatral, pelo Grupo Cénico, para representação de duas engraçadas comédias e de uma Revista em 1 acto.

No dia 14 de Fevereiro, (Dia do Aniversário)—Sessão Solene e Ceia à Americana.

No dia 15 de Fevereiro—Jantar de Contratenação, realizado no Salão de Festas, cujo serviço ficará a cargo duma Casa da Especialidade.

Já se encontra aberta a inscrição para este jantar.

Santa C. da Misericórdia—Para facilitar o pagamento dos fóros e juros, continúa aberta todos os domingos, das 12 às 15 horas, a Secretaria desta instituição.

No serviço de Cirurgia Geral (Director Dr. Fausto Cansado) realizaram-se nos dias 5 e 6 do corrente as seguintes operações:

Duas Gastrectomias, Uma Hérnia e Uma Apendicectomia.

No dia 8, pelo sr. Dr. Jorge Correia, foi realizada Uma Hernia.

Os doentes vão melhorando.

A consulta de Pediatria e Puericultura (Dr. Rogério Peres) continúa a realizar-se todos os Domingos pelas 11 horas.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Simplicio.

Teatro António Pinheiro—Companhia do Teatro Maria Victória, de Lisboa—Apresenta amanhã e depois a grande companhia do Teatro Maria Victória, composta de 32 figuras, Carlos Leal, o rei dos comperes, Violante Montanha, actriz cantora, Milagros Manon, vedeta espanhola, Julieta Soares, actriz cómica, Humberto Madeira, o az da gargalhada, Eliza de Guisette, azougada atriz, Edmundo Ferreira, a revelação de 1945, Clara Maria, gentil actriz, Celestino Ribeiro, actor característico, Soares Borba, 1.º bailarino, Regine Janny, bailarina, Helen et Regis, bailarinos acrobáticos de grande classe e um magnífico grupo de girl's, subindo à cena as revistas *A Vitória*, com 200 representações e *Festa Rija*.

Espectáculos cinematográficos da semana—Apresenta hoje a comédia favorita da temporada, *500 Noivos para uma Loira*, com Betty Grable, a visão aliciente deste filme colorido em que figuram centenas de esculturais coristas em cenários de fantasia de um rajá. Noutros papeis Jonh Harvey, Martha Raye, Joe E. Brown, Eugene Pallette, etc., e ainda a famosa orquestra de Charles Spivey.

Quinta feira—Um grande filme de aviação *Esquadrilha Internacional*, com Ronald Rea-

Exercícios de Linguagem

Escrever Não sei se é da quadra festiva do ano ou se é rebate de consciência culpada, o caso é que me achei hoje (dia de Reis) com uma disposição, invulgar em mim, para escrever a amigos e conhecidos, reatando velha correspondência e ao mesmo tempo informando-me da saúde, dos negócios, dos meninos, etc., etc., o que constitui a série de perguntas clássicas das cartas de amizade, que por sempre repetidas não são menos sinceras. Mas eram muitos os delírios desta natureza a que um lacónico cartão não respondia, e confesso que para tanto me faleceu o ânimo.

Em vão a lembrança de Egípcios e Assírios me fustigava a vontade com o exemplo dos seus complicados hieróglifos e inscrições cuneiformes forçosamente demorados no desenho e na interpretação. Em vão me lembrava dos Fenícios que, observando aqueles mesmos símbolos, inventaram as letras do alfabeto para comodidade e rapidez da palavra escrita. Nada! A vontade continuava inamovível como as pirâmides de Gizeh.

Que fazer, então? De um lado a amizade, a satisfação do dever cumprido, o desempenho de uma função social, o cultivo das relações, a troca de ideias, de problemas, de opiniões, de tudo, enfim, que constitui a nossa vida social. Do outro, este cómodo silêncio (que não implica desamor), mas que não preenche a ausência com umas linhas espaçadas, de onde em onde.

Sei de muitos (a história nos ensina), que metidos em suas tórras de marfim passaram temporadas, fases, sonhos, crises encerrados num mutismo completo para voltarem mais tarde, curados do seu isolamento, ao convívio das letras.

Mas os que percorrem os caminhos da vida pisando o barro ordinário das coisas terrenas, não têm tal desculpa.

Pois vamos lá então escrever. Atiremos, de uma vez para sempre, ás urtigas com esta falta indesculpável, que por repetida se torna em fraqueza e que parece afectar bem melhores engenhos. Já em *A Cidade e as Serras*, o Zé Fernandes desancava o complicado mas inocente Jacinto com este lacónico bilhete postal:

«Estás lá? São os prazeres da Baixa que assim te tornam desatento e mudo? ... Responde...»

Salvaguardada a sensível distância que nos separa daquela estilizada figura da imaginação criadora do imortal Eça, quantos daqueles não mereciam nós, tão desatentos, e sem a desculpa elegante de «passear» o Chiado à hora «chic», neste aticismo «bem» que se vai sumindo ao contacto rude de tempos mais duros.

Peguemos, pois, na pena, afiemos as ideias e vamos botando no papel, que é dócil, meia dúzia de frases desprezenciosas que os leitores acolherão com a sua costumada benevolência.

Mãos à obra! Sacuda a preguiça! A quadra é boa! Nasceu mais um ano! Surja um escritor! ... O, perdão, senhoras e senhores, queria dizer um escrevinhador...

Mas que lhe direi, leitor amigo, que não esteja dito e redito, contado e recontado, pisado e repisado?

Que assunto, que tema, que matéria, que motivo, que pilhéria pode escorrer dos bicos de uma pena que não tenha sido contado pelos poetas, discutido pelos filósofos, estudado pelos sábios, ensinado pelos mestres, narrado pelos escritores, reprimido ou exaltado pelos pregadores da palavra de Deus?

Nil novi sub sole, dizia, o Salomão, no *Eclesiastes*—e, na verdade, não há nada de novo debaixo do sol, a não ser... a não ser talvez a Bomba Atómica.

Sim, senhores! A bomba atómica, producto da desintegração atómica, a fonte perene de energia futura, a última maravilha do século, a varinha mágica do porvir, o faz-tudo dos anos vindouros, o descanso semanal da humanidade, o... a... (Não! Não é o pregoeiro do Camões a oferecer um elixir mirabolante, tira-dores ou tira-nódoas. Não! Isto é pura axaltação atómica).

Cesse tudo quanto a musa antiga canta, que vem aí Sua Excelência o A'tomol!

Adeus vento enfumando as brancas velas, adeus vapor referendo nas caldeiras, adeus carvão arrancado ao seio da terra, adeus fumo, adeus fedor, adeus gaz, adeus electricidade, ... tudo velharias...

E adeus, leitor! Um Ano Feliz! Desculpe a maçada!

Parece-me que não disse muito!

Talvez nem dissesse nada!

Adeusinho!

António Almodovar

digan e Reginald Denny. A história apaixonante da célebre esquadrilha internacional da R. A. F., composta por rapazes de todas as nações abrangidas pela guerra, com momentos de grande emoção e cenas de franca hilariedade.

Sabado—Uma constelação de estrelas visita os soldados do Norte de Africa, e que estrelas, Kay Francis, Carole Landis, Martha Raye e Mitzi Mayfair. Uma comédia fenomenal, a que não faltam, alegria, música, baignan, Olympe Bradna, M. Lun-

lados e um cantor que é uma revelação Dick Haynes, tendo ainda Phil Silvers, um cómico de estalo que arranca gargalhadas aos mais sorumbáticos, a célebre orquestra de Jimmy Dorsey e um «sketch» estupendo com Carmen Miranda, Betty Grable, Alice Faye.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Garcia Martins e a sua Exposição

Como foi anunciado nas colunas deste Jornal, realizou-se no passado domingo a inauguração da Exposição de desenhos que o sr. Garcia Martins levou a efeito no Salão de Festas da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro.

A's 15 horas começaram a chegar àquela Agremiação as entidades oficiais, convidados, — onde predominava o elemento feminino — e muitos sócios. O sr. Tenente Machado, presidente do Club, pediu nesta altura à distinta poetisa Tavirense, Mle. Maria Amalia Padinha, para oferecer ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara, Dr. Ramos Passos a tesoura com que foi cortada a simbólica fita que vedava a entrada do recinto da Exposição.

Este acto inaugural foi sublinhado com fartos aplausos dirigidos ao sr. Garcia Martins, que a éle assistia.

O recinto da Exposição, vistosamente decorado, encheu-se rapidamente pelo público que aguardava oportunidade para admirar os trabalhos expostos. Recordamos ter visto nesta altura os srs. Major Basto Lima, Director do C. I. I. e Comandante Militar, Dr. Jaime Bento da Silva, Director do nosso Jornal, Dr. Eduardo Mansinho, Dr. Arnaldo Lança, Dr. Martiniano dos Santos, muitos oficiais em serviço no C. I. I., etc..

Garcia Martins, deve ter vivido no passado domingo momentos de verdadeira alegria espiritual, ao ouvir dos visitantes os elogios que lhe eram atribuídos pelos trabalhos apresentados.

Confessamos que a nossa expectativa foi de certo modo excedida, pois ficamos admirados com a Arte e a facilidade com que Garcia Martins desenha, sobretudo sempre que cria uma cabeça, faz uma caricatura ou delinea um esboço.

Quanto a nós, é principalmente nestas modalidades que mais se revela a sua personalidade de artista, sendo-nos permitido destacar, de entre os trabalhos expostos, cabeças 8, 9, 10 e 18; as caricaturas dos srs. Dr. Morais Simão, Tent. Francisco S. Padinha, Capitães Franco e Marques, sr.^a D. Branca Durão Fins e George VI de Inglaterra. Dos esboços gostamos muito de «Sonho».

Algumas das suas aguarelas são primorosas: «Pierrot e Columbina», «Extase», «Música», bem como algumas vinhetas decorativas.

Nos seus desenhos, «Prelúdio da Primavera» foi aquele que mais me sensibilizou pela verdade da composição. As suas «Interpretações», certamente o trabalho em que pôs toda a sua alma ao serviço da Arte, chegaram para afirmar o seu nome entre os artistas da actual geração.

Felicitemos pois Garcia Martins pelo êxito da sua Exposição que tem sido visitada todas as noites por numeroso público, recomendando aos que ainda o não fizeram uma visita ali uma vez que ela é esta noite definitivamente encerrada.

Resta agora tornar extensivas estas felicitações à Direcção do Orfeon, louvando-a pela iniciativa agora demonstrada de nos mostrar e tornar conhecido do público da nossa terra os desenhos de Garcia Martins, desejando que uma Sociedade que tantas horas de prazer espiritual tem proporcionado aos Tavirenses, no campo do Teatro e da Música se estenda a outras modalidades.

São estes os votos dum Tavirense 100 % baírrista e amigo da sua terra.

Béto

Prédio

Vende-se um na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.^{os} 58 a 68, que consta de rez do chão e 1.^o andar.

Otimas acomodações e preço acessível.

Quem pretender dirija-se a José Vaz Madeira—Tavira.

Uida Desportiva

Depois de Lisboa e do Porto, o Algarve vai ter um Centro de Medicina Desportiva, em Faro.

Das suas vantagens para os desportistas é escusado falar, tão nitidas elas são. Preciso é que os praticantes dos varios desportos se convençam e não se deixem levar, como tantas vezes acontece, pelas cantigas dos que só servem para destruir.

Vai ser nomeado para dirigir o novo Centro de Medicina Desportiva o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Dr. Rogerio Peres, com consultorio medico em Faro e bem conhecido desportista.

Segundo nos informam a inauguração deste grande melhoramento deve realizar-se em breve e terá instalações independentes e apropriadas.

Estão de parabens os desportistas algarvios pela atenção e carinho que lhes tem dispensado a Direcção Geral dos Desportos.

NECROLOGIA

No dia 10 do corrente, faleceu nesta cidade, a sr.^a Teresa das Dores Sequeira, de 34 anos de idade, solteira, domestica, natural da freguesia de São Bartolomeu de Messines, concelho de Silves, filha do sr. Joaquim Inocencio Sequeira, proprietário, natural da mesma freguesia e da sr.^a D. Catarina das Dores, já falecida. Era irmã do sr. José Sequeira, 2.^o sargento da Guarda Fiscal, nesta cidade.

Também no dia 12 do corrente, faleceu nesta cidade, a sr.^a D. Laura Pires Soares Faleiro, de 59 anos de idade, domestica, solteira, filha do sr. António Pires Faleiro e da sr.^a D. Mariana do Livramento Soares Pires, já falecida. Era irmã das sr.^{as} D. Ermelinda Pires Soares Faleiro e D. Mariana Pires Soares Faleiro. A's familias enlutadas envia o «Povo Algarvio» sentidos pesames.

EDITAL

José Pereira Fialho Júnior, Inspector Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, faz saber que Francisco Dias Franco, residente em Santa Luzia, freguesia de S. Tiago, concelho de Tavira, pretende autorização para instalar uma destilaria, apetrechada com um aparelho de destilação de produtos alcoólicos (aguardente) em Santa Luzia, freguesia de S. Tiago, concelho de Tavira, com os inconvenientes de perigo de incêndio, cheiro e alteração das águas.

Quaisquer impugnações ou reclamações sobre a supracitada pretensão, feitas nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas Perigosas ou Tóxicas, aprovado pelo Decreto n.^o 8.364, de 25 de Agosto de 1922, deverão ser apresentadas, por escrito, no prazo de 30 dias, a contar da data da afixação do presente edital, na Sede da Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, Avenida de Berna, n.^o 85, Lisboa, onde poderão ser examinados, pelos interessados, os do cumentes juntos ao respectivo processo.

Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas, em 7 de Janeiro de 1946.

O Inspector Geral,

José Pereira Fialho Júnior

Tabela das Marés

Da Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve, recebemos a sua habitual tabela de marés, para o ano de 1946.

E' já o 10.^o ano de publicação deste interessante folheto tão util para aqueles que trabalham no mar.

Os nossos agradecimentos.

Noticias Pessoais

Fazem anos:

Aniversários

Hoje—D. Humbelina da Cruz Matos Parreira e srs. João Estevão Batista Pires, Sebastião José Dias, Sebastião Batista Leiria e Sebastião do Nascimento Gonçalves.

Em 21—D. Aurelia d'Avelar Santos, D. Cristiana Lopes Cordeiro, D. Lucilia Inez Martins d'Araujo Oliveira e srs. Luiz José Ribeiro de Jesus e Dr. Zozimo Ramos.

Em 22—D. Maria Luiza Viegas Ventura.

Em 23—D. Maria Bebiana Ferreira Leiria e sr. João Corvo Domingues.

Em 24—Menina Maria Fernanda Peres Jara e srs. Augusto Pereira Neto e António José Costa Pires.

Em 26—D. Fausta Padinha Diniz Fero e sr. Joaquim António d'Oliveira.

Partidas e Chegadas

Regressou da Capital, o sr. Capitão Jorge Coelho Ribeiro, Dig.^{mo} Director da Companhia de Pescarias Balsense no Algarve.

—A fim de esperar seu filho que acaba de regressar de Africa, foi á Capital, o sr. Sebastião do Nascimento Gonçalves conceituado comerciante da nossa praça.

Nascimento

No dia 14 do corrente, na Maternidade Particular «Bensaude», em Lisboa, teve o seu bom sucesso dando á luz uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Celeste Martins Viegas Cesário, esposa do nosso assinante sr. José Luiz Cesário Jor., proprietário, residente em Santo Estevão.

Aos pais desejamos-lhes muitas felicidades.

Batismo

No dia 13 do corrente foi baptisado um filho do sr. Joaquim Santana Faleiro, que recebeu o nome de José Manuel.

Foram padrinhos a sr.^a D. Maria Tezera Pessoa de Padua Cruz Bento da Silva e o sr. José Rodrigues Faleiro, tio paterno do neonato.

Pedido de Casamento

Para o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Dr. Rogerio Peres, medico pediatra com consultorio em Faro e por seus Pais, a sr.^a D. Gertrudes Pires Peres e o sr. Francisco de Paula Peres, foi pedida em casamento a sr.^a D. Maria do Carmo Ferrete Afonso, preñada filha da sr.^a D. Maria do Carmo Palermo Ferrete Afonso e do sr. Francisco Guerreiro Afonso, proprietarios e residentes na capital do Algarve. O casamento realiza-se brevemente.



Agradecimento

Maria Isabel Gil Madeira Teixeira e sua filha Maria Julieta Gil Madeira Teixeira, não o podendo fazer pessoalmente por motivo de doença, agradecem neste jornal a todas as pessoas amigas que as acompanharam em sua casa pela morte da sua querida mãe e avó.

Colaboração

O Dr. António Almodovar, nosso prezado amigo e conterrâneo, acorda de vez em quando para as lides da letra impressa. Depois, segue-se um interregno mais ou menos longo. Tem sido o costume. E é pena, porque é interessante o que escreve. Sempre tem alguma coisa para dizer, especialmente quando o prende o assumpto que o levou a escrever. Quebrou agora o ultimo interregno. Será por muito tempo? Deus queira que sim. E o «Povo Algarvio» acolhe de braços abertos este seu velho colaborador.

Secção Desportiva

FUTEBOL

Campeonato Nacional

Olhanense, 1 — Benfica, 2

Jogo no Estádio Padinha, em Olhão, que regista uma formidável assistência, que se deslocou de todo o Algarve e da Capital.

Sob a arbitragem de José Trindade de Setubal, os grupos alinharam:

Benfica — Martins; Gaspar e Cerqueira; Jacinto, Moreira e Francisco Ferreira; Espirito Santo, Arsénio, João da Luz, Jordão e Rogério.

Olhanense — Duarte; Zita e Nunes; João dos Santos, Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Palmeiro.

Na equipe lisboeta reaparece Francisco Ferreira curado da lesão que foi vítima; e no Olhanense nota-se a falta de dois titulares, Rodrigues e João da Palma.

A saída pertence ao Benfica, que perde logo o contacto da bola.

Registam-se diversas jogadas em ambos os campos, começando logo os algarvios a tomarem o comando do jogo. O dominio acentua-se cada vez mais, vendo-se com frequência os dianteiros olhanenses sobre as redes visitantes, que se empregam a fundo para deter as continuas incursões.

Por largos momentos os algarvios instalam-se no campo adversário, sem conseguirem que a sua vantagem territorial lhes premiasse o seu esforço. Durante este tempo Martins e Gaspar Pinto não têm mãos a medir, anulando com grande dificuldade a acção esmagadora dos locais.

Finalmente aos 30 minutos surge o 1.^o goal do Olhanense; uma passagem de Cabrita ao extremo direito Moreira que prontamente centra alto, o esférico captado por Joaquim Paulo envia a Grazina que em plena corrida obtém o tento, sem defesa possível para Martins.

O Olhanense continua nas suas investidas, perdendo inúmeras e excelentes oportunidades de consolidar o marcador, mas os remates são mal dirigidos, saindo aos lados e por alto.

Terminando assim o intervalo com o Olhanense a vencer o Benfica por 1 0.

Durante este espaço de tempo a Banda do Sport Lisboa e Faro executou alguns trechos de musica.

Antes do recomeço do jogo, desceram ao campo as Direcções dos dois clubes e as filiais do Sport Lisboa e Benfica no Algarve, Sport Lisboa e Faro, Fuzeta, Lusitano de Vila Real de Santo António, Sport L. e Algôs e de Lagos, tendo sido trocadas lembranças e uma gentil menina entregou a Francisco Ferreira um ramo de flores, acto muito aplaudido pela assistência.

Seguidamente o jogo recomeçou com os visitantes ao ataque. Nos primeiros minutos registam-se algumas jogadas perigosas para as redes locais.

Um potente tiro de Moreira médio-centro Nacional sai a poucos centímetros das redes.

Os encarnados depois de grandes esforços obtêm o goal do empate, da autoria de Jordão.

Depois deste goal o jogo começou a disputar-se com mais entusiasmo e com o Olhanense ao ataque procurando modificar o resultado.

O segundo quarto de hora passa com os algarvios sobre o meio campo defendido pelos visitantes, num ataque cerrado e que põe em acção toda a defesa e meia defesa benfiquista que se vê aflita para conter o grande bombardeamento de que são alvo as suas redes.

Palmeiro por falta de serenidade não obtém novo tento perdendo ocasiões soberanas de elevar o marcador.

Os encarnados mais felizes do que o Olhanense, marcam contra a corrente do jogo o ponto da vitória, a um remate de Rogério,

Exposição de Fotografias por ARTUR PASTOR

E' hoje que no Circulo Cultural do Algarve, em Faro, se realiza a inauguração da Exposição de Fotografias, que Artur Pastor veio realizar no Algarve, e onde o artista nos mostra muitos aspectos do nosso folclore, dos costumes e da vida da nossa gente serrana e marítima.

Motivos imperiosos levaram Artur Pastor a adiar a sua Exposição de 13 para hoje, mas estamos certos que isso terá servido para aguçar ainda mais o interesse que ela tem despertado no meio dos que cultivam a fotografia na nossa Provincia.

Seria interessante que o publico Tavirense, que conheceu Artur Pastor durante a sua estadia nesta cidade, pudesse admirar as suas esplendidas fotografias, algumas focando assuntos do nosso concelho.

Oxalá o artista nos pudesse proporcionar este prazer uma vez que o Salão de Festas da Sociedade Orfeónica mostrou possuir excelentes qualidades para nele se realizarem exposições.

Guarda-Chuva trocado

Pede-se ao sr. que trocou o seu guarda chuva por outro no consultório do sr. Dr. Jaime Silva, no passado mês de Dezembro, o favor de o ir destrococar na Junta de Freguesia de Santa Maria desta cidade.

Agradecimento

Francisco Pires Alminha e sua familia vêm por este meio patentear o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a última morada sua saudosa mulher Maria Augusta Pires.

Alviçaras

Dão-se a quem achou um avental de carro, em cabedal preto.

Ouivesaria Mansinho—Tavira.

tornando inutil a estirada de Duarte.

Os locais não desanimam, mas lançam-se novamente ao ataque procurando o empate.

Numa confusão em frente das redes de Martins, a bola tomou o caminho das redes, mas surgiu Cerqueira que a atirou para canto. Os jogadores do Olhanense reclamaram tento. O arbitro depois de consultar o Juiz de linha, não satisfz as reclamações, mandando marcar um pontapé de canto.

Até ao final nada mais se registou, vencendo o Benfica por 2 1.

Os algarvios jogaram em todo o encontro mais futebol do que os visitantes.

Com um conjunto de avançados com melhor ligação, mas sem remates.

Mereciam ter ganho a partida por mais de 2 bolas, mas a sorte não os acompanhou.

No Benfica Martins, Gaspar Pinto, Moreira, Francisco Ferreira, Arsénio, Espirito Santo e Rogério foram os melhores.

No Olhanense: Duarte, Nunes, a linha média e em especial Grazina que foi o melhor elemento do seu grupo, Moreira, Joaquim Paulo e Salvador.

Cabrita esteve muito vigiado, não podendo dar o rendimento necessário, mas desempenhou bem o seu papel, mesmo sob a vigilância de Gaspar Pinto.

E' de lamentar o caso da Direcção ou do treinador do Olhanense ter feito alinhar Zita, que há muito se encontrava afastado do futebol e tratando-se de um jogo difficil que podia vir a influir na classificação final. O facto de jogar bem durante os treinos não quer dizer que venha a repetir o que dias antes fizera.

J. Cruz

A Organização Hospitalar

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Semelhantermente, nos hospitais regionais serão, normalmente, admitidos os doentes dos concelhos em que estiverem situados e os dos restantes concelhos da sua área de influência carecidos de assistência que não seja possível prestar-lhes nos estabelecimentos sub-regionais.

Na sub-região haverá hospitais próprios.

O número de camas nos três tipos ou categorias de hospitais é fixado de harmonia com as necessidades de hospitalização a que devem fazer face, calculando-se 40 por 10.000 habitantes para os concelhos das sedes dos hospitais centrais, 30 por 10.000 para os concelhos em que existam hospitais regionais e 25 por 10.000 para os restantes concelhos.

Atinge-se assim a média de 38 camas por 10.000 habitantes, sem contar com os doentes infecto-contagiosos, cifra a comparar, por exemplo, com a da França, que é de 37.

Em 1926, entre nós, a proporção era de 10 camas para 10.000 habitantes. Actualmente já se eleva a 24 por 10.000. Disponhamos em 1926 apenas de 6.500 camas. Tínhamos quasi o triplo—18.725. Prevêem-se agora 30.026.

A permissão, que serve de base ao cálculo da lotação prevista neste diploma, pode ser alterada em harmonia com as circunstâncias especiais da população servida pelo respectivo estabelecimento, o seu aumento presumível e a existência de hospitais especializados ou mesmo de hospitais comuns dependentes de outro departamento do Estado.

Mas para que a obra seja completa, como é mister:

«Não se tem como finalidade única o acréscimo da lotação hospitalar, mas a sua melhor distribuição em ordem a assegurar a assistência de harmonia com as necessidades da população das diferentes regiões do País.

Igualmente se cuida de suprir as deficiências dos serviços existentes, instalados na sua maior parte em antigos conventos, de maneira a ficarmos na posse de uma rede hospitalar que satisfaça às exigências da assistência.

Assim tem de se encarar um grande plano de construções hospitalares, cujo estudo e execução se confiam a um órgão especializado.

A primeira fase do programa compreenderá os hospitais centrais e regionais a construir, a adaptar ou ampliar e a equipar, num periodo de dez anos, prevendo-se para tal aplicação um dispêndio anual de 50.000 contos, ou seja um total de 500.000 contos.

Paralelamente, os hospitais sub-regionais, cuja instalação pertence, em principio, às Misericórdias e outras entidades de assistência, beneficiarão da participação do Estado, pelo Fundo de Desemprego, até 50 por cento do seu custo total.

Trata-se como se vê, de uma obra completa em que se tem como principal, senão exclusivo cuidado o interesse pelo doente.

De resto, bem explicitamente este interesse se acentua quando no relatório a que nos vimos reportando se nota de maneira bem saliente quando se diz:

«Os doentes serão divididos em categorias e distribuídos pelos diferentes serviços e estabelecimento da zona, conforme a natureza da doença, a possibilidade de cura rápida demorada e a necessidade de um periodo mais ou menos longo de convalescença.

Os que não careçam de cuidados médicos especiais, os crónicos e incuráveis deverão ser internados nos hospícios.

Da divisão dos doentes por categorias e da sua distribuição pelos estabelecimentos de cada zona resultará, sem seu prejuizo, uma grande economia na manutenção e até na construção dos estabelecimentos que lhes são destinados».

Quer dizer, não houve aspecto do magno e oportuno problema que não fôsse olhado e resolvido com o maior interesse e cuidadosa atenção.

E é assim porque, nem um só momento se deixou de ter em vista que:

«A reorganização hospitalar só será frutuosa na medida

Companhia de Pescarias Barril ou Três Irmãos

(S. A. R. L.)

SÉDE EM TAVIRA

Assembleia Geral Ordinária

(1.ª e 2.ª Convocações)

Em conformidade com o artigo 13.º dos Estatutos desta Companhia, convoco a reunião da Assembleia Geral ordinária, para o dia 25 do corrente, pelas 15 horas, no escritório da Companhia, a-fim de se pronunciar e deliberar sobre os n.ºs 4.º, 5.º, 6.º e 9.º do artigo 14.º dos mesmos Estatutos.

Não havendo número legal de accionistas ou capital para poder funcionar a Assembleia, na data acima indicada, fica desde já marcada para o dia 10 de Fevereiro p. f., ás mesma horas e no mesmo local.

Tavira, 15 de Janeiro de 1946

O Presidente da Assembleia Geral

a) João Judice de Vasconcelos

AVISO Leilão de Bens

No dia 28 do corrente mês pelas 14 horas na Praça da República n.º 31 desta cidade, proceder-se-há a venda, em hasta pública, dos seguintes bens:

1.º um prédio rústico denominado «Santo António» no sitio da Capelinha freguesia de Santa Maria, desta cidade, que se compõe de terras de semear diverso arvoredado e casas, avaliado em 60.000.000.

N.º 2.º—Um prédio rústico denominado «O Mato», no sitio de Vale Formoso, freguesia de Santa Maria, que se compõe de terras de semear, diverso arvoredado e casas, avaliado em 90.000.000.

N.º 3.º—Um prédio rústico no sitio de Santa Margarida, freguesia de São Tiago, desta cidade, que se compõe de terra de semear, diverso arvoredado e casas avaliado em 50.000.000.

N.º 4.º—Um outro prédio rústico, com igual composição no aludido sitio de Santa Margarida, também avaliado em 50.000.000.

N.º 5.º—50 acções da Companhia de Pescarias Balsense no Algarve, com séde em Tavira, no valor nominal de 50.000.000.

N.º 6.º—17 Acções da Companhia de Pescarias do Algarve com séde em Faro, no valor nominal de 2.000.000.

Estes bens pertencem ao casal do ex-sócio de J. Cansado Comandita, sr. Joaquim Alexandre da Fonseca Neves, e vão á praça pelo processo de liquidação da referida Firma.

As acções constantes dos n.ºs 5.º 6.º serão vendidas em lotes de um ou mais títulos a indicar no acto da praça.

Tavira, 10 de Janeiro de 1946.

O Comissário do Governo e único liquidatário,

a) José Valeriano da Glória Pacheco

Quereis fazer bons negócios?

Anúncios no semanário regionalista

«Povo Algarvio»

Criadas

Precisam-se 2 no Hospital da Misericórdia de Tavira.

em que o hospital se tornar um centro de solidariedade humana, em que o pessoal veja no doente, não o paciente designado por um número, mas o ser humano que necessita de cuidados especiais, dispensados com tanto maior carinho quanto maior fôr a sua fraqueza para reagir contra as faltas ou negligências do mesmo pessoal.»

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Está já em distribuição o fascículo n.º 153 da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, que continua a publicar-se com uma regularidade deveras exemplar e se aproxima do termo do seu 13.º volume.

O presente fascículo, com o qual é distribuída uma linda carta geográfica da Índia Portuguesa, única no género editada em Portugal, inclui colaboração valiosíssima de um escol de altas competências, entre eles: Dr. Júlio Gonçalves, Desembargador Gonçalves Pereira, António Sérgio, Coronel Raul Rato, Dr. Afonso Zúquete, Jorge Guimarães Daupias, Professor Mendes Correia, Professor Ferreira de Mira, Professor Peres de Carvalho, Professor Laranjo Coelho, Coronel Ribeiro de Almeida, Dr. Simões Correia, Professor Cunha Gonçalves, Capitão Mário Costa, Dr. Hugo de Magalhães, Cardoso Júnior, Dr. Manuel Valadares, Professor Frederico Oom, Dr. Carlos de Passos, Dr. Otero Ferreira, Dr. Nunes Soares, Dr. Félix Ribeiro, Castro Lopes, Dr. Fernando Correia, Gomes Monteiro, etc. etc. São artigos notabilíssimos os dedicados a Índia, Índia Portuguesa, Índice, Índio, Indisciplinabilidade, Individualismo, Indochina, Indostão, Indução, Indulgência, Indústria, Inércia, Infalibilidade, Infância, Infância, Infantaria, Infecção, etc.

A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira completou já 12 volumes, com cerca de 13.000 páginas, milhares de gravuras, e algumas centenas de estampas a cores, maravilhosa execução artística e gráfica que aumenta o interesse já oferecido pela colaboração inédita de sábios, professores, cientistas, técnicos, artistas e escritores que contribuem notavelmente para o êxito desta grandiosa obra de divulgação cultural. A empresa editora (Editorial Enciclopédia, Lda., Rua António Maria Cardoso, 33, Lisboa), que em todo o seu empreendimento revela uma prebitude comercial incedível, oferece os doze volumes já completos, luxuosamente encadernados, a aquisição por todos os estudiosos e eruditos, a pagamentos suaves. Como no acto da liquidação da primeira prestação se entrega toda a obra, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, valioso monumento cultural, constitui, sem dúvida, um dos mais apetecidos presentes do Natal e Ano Novo.

Publicações recebidas

Relatório e Contas dos Serviços Municipalizados de Água e Electricidade da Camara Municipal de Castelo de Vide—Da gerência de 1944. E' um bem elaborado relatório que exemplifica a boa administração que tem puseido aqueles serviços.

«Alô»—O brilhante semanário, editado pela Editorial Gama, continua a manter galhardamente a sua posição.

Da Sinceridade na Poesia

Conferência por GARCIA MARTINS

(Continuação do n.º 501)

PAG. 41

E no fim disto tudo cabe perguntar: não poderá o Artista ser sincero e independente sem deixar de ser humano e universal?

Não é, na verdade, o Artista, mais homem de que os outros homens porque falando-nos de coisas vistas e conhecidas, as apresenta como se as vissemos pela primeira vez.

Não é sómente por cobardia que muitas vezes o odiamos? E não é ainda, por mero preconceito criado pelo trivialíssimo «Parece mal» que condenamos a sua sinceridade de que nos mostra aquilo que não queremos ver?

Só responderá que não aquele que não vê o Artista como um homem, mas sim como um caso de anormalidade psíquica.

Hoje, intimamente, somos forçados a concluir que a Poesia não nasceu por mero acaso. Não é fruto de invenções mas tão sómente fruto duma necessidade interior de exprimir a subtilidade de um instante. Se remontássemos ao passado, buscando a razão de ser da poesia, talvez podessemos concluir que ela surgiu espontânea, simples, a traduzir os pensamentos do Homem—aquêles pensamen-

tos que perderiam toda a sua elevação mística toda a sua leveza espiritual se fôsem revelados prosaicamente.

De resto, quem é que não sentiu vibrar dentro de si o desejo, por vezes infantil, de exprimir *qualquer coisa* de indefinido, de estranho dentro de si.

Tenho a certeza de que todos nós temos um fundo poético—fundo poético que se revela em alguns de maneira sensível e que noutros não chega a corporizar-se.

E nem de outro modo se poderiam justificar as palavras de Alexis Carrel quando afirma que não é só poeta o que faz os versos, mas é poeta também quem lê os versos do Poeta.

II

Mas passemos à *dúvida* de que há muito tempo havia falado quando citava a sinceridade do Poeta e quando me referia ao facto da poesia verdadeira ser uma poesia de ocasião, de momento.

O caso é este: sendo a verdadeira poesia uma poesia de um instante, não é natural que o Poeta se afirme e se negue? quer dizer: não é natural que o Pensamento do Poeta seja diferente, sobre o mesmo assunto, em duas ocasiões distintas? Ou até que a emotividade do Artista seja harmónica sobre dois temas contrários?

Claro que sim.

Isto, porém, leva-nos a crer então que não houve sinceridade da sua parte ou, que o mesmo é, que o Poeta não traduziu de maneira segura, concreta—o termo é talvez forçado—aquilo que pensava.

Parece-me no entanto que esta conclusão, além de prematura, tem o seu quê de leviano.

Não poderá e não deverá o Poeta ser influenciado pelo estado de alma do momento em que a inspiração o procura?

Não terá a vida efectiva, e nomeadamente o Prazer e a dor; o Sentimento e a Paixão uma influência preponderante na sua obra?

Eu estou em crer que sim.

E a prova é dada pelos próprios Poetas—que reputamos bons dentro das suas emotividades antagónicas: ora exaltando o amor, ora rebaixando-o; ora cantando o bucolismo do regato inocente, ora erguendo o hino à Tempestade, ao rugir do vento e ao bramir do mar; ora sofrendo a sua inquietação, ora sentindo-se feliz com ela.

E' afinal de contas, o próprio Pensamento nas manifestações heterogêneas da ideia.

E' ao fim e ao cabo, a mesma sinceridade repartida.

E' Camões a pintar-nos a batalha de Aljubarrota—cântico heroico em que há retinir de ferros e lampejos de fogo, a cantar-nos a morte de Inês de Castro—balada inocente de lirismo inultrapassável.

(Continua)

